

Escola Viva Papel da família é crucial

INDISCIPLINA

Diálogo em vez de punição exige trabalho maior, porém o resultado é mais eficaz

FLÁVIA FARIA

Tarefas por fazer, conversas paralelas, discussões, uso de celulares em sala de aula. Seja nas escolas públicas ou privadas, o problema da indisciplina há anos atrapalha o rendimento dos alunos e o desempenho do professor.

Uma pesquisa da Organização dos Estados Ibero-americanos e da Fundação SM, realizada em 2008, constatou que 83% dos professores defendem medidas mais duras em relação ao mau comportamento. Nas escolas públicas, o índice chega a 94,1% dos docentes, contra 77,5% nas particulares.

Quando a pergunta é se o diretor deve ter o direito e impor sanções, inclusive a expulsão do aluno, 62,4% dos professores respondeu que sim. Quem mais concorda com a afirmação são os docentes do ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano (76%).

Diálogo

Segundo a coordenadora pedagógica do Instituto Social da Bahia (Isba), que trabalha com essa faixa etária, Nai-rene Pereira, essa é a fase onde é maior o problema da indisciplina.

“É uma fase em que os hormônios estão à flor da pele, que eles estão saindo da infância e entrando na adolescência, com todas as questões que a mudança traz”, diz.



Henrique Araponga decidiu mudar de comportamento ao perceber que seu rendimento estava sendo prejudicado

“É importante que os pais e a escola ajam juntos para prevenir”

ANA PAULA BARRETO, orientadora

A escola, contudo, procura optar pelo diálogo ao invés de lançar mão de ações punitivas. A orientação dada aos professores é que sempre ouçam os alunos e procurem resolver as questões dentro da sala de aula.

Quando isso não é possível, o caminho é contar com a ajuda do Serviço de Orientação

Eduacional (SOE). A grande aliada no combate à indisciplina, porém, é a família.

Compreendendo que a rotina da vida atual é bastante atribulada, a equipe pedagógica procura adaptar os horários de visita ou mesmo manter o contato por e-mail ou telefone. O colégio também possui um portal em que

os pais podem acompanhar diariamente as ocorrências do aluno, tal como o dever de casa por fazer, conversa em sala de aula ou faltas.

“O contato não acontece só quando há problemas. É importante que os pais e a escola ajam juntos para prevenir, e não apenas quando é necessário corrigir”, afirma a orientadora.

tadora educacional do 9º ano, Ana Paula Barreto.

Mudança

A relação de confiança e respeito entre o aluno e o SOE também é levada a sério. Segundo Ana Paula, o estudante precisa se sentir à vontade com o orientador para que haja uma compreensão das causas da indisciplina e saber por que esses problemas precisam ser corrigidos.

Foi o que aconteceu com o estudante do 9º ano Henrique Araponga, de 14 anos. Desde o 6º ano, Henrique adquiriu o hábito de não fazer as tarefas de casa e conversar durante as aulas. O mau comportamento também afetava a relação com os professores, que não tinham suas solicitações atendidas pelo garoto.

O papel da família e o contato dos pais com a orientadora foi fundamental para que Henrique percebesse o quanto estava sendo prejudicado por suas atitudes.

“Ano passado eu tive que fazer prova final e tive que aprender os assuntos em cima da hora. Aí percebi que meu comportamento estava atrapalhando meu rendimento e resolvi que mudaria de atitude no próximo ano”, disse.

“Henrique é um exemplo, porque percebeu o prejuízo de suas ações e teve maternidade para mudar”, afirmou Ana Paula.

13/04
FÓRUM DE
ESTUDANTES
DO COLÉGIO
OFICINA

**UM EXERCÍCIO DE REPRESENTATIVIDADE
E CIDADANIA: a comunidade Oficina debate,
avalia, pensa e planeja os Projetos para 2013.**

PENSE COM A GENTE



(71) 3270 4100

www.colegiooficina.com.br

Falta apoio
em casa, diz
diretora de
escola pública

Se no Isba a relação com a família é a grande aliada no combate à indisciplina, no Colégio Municipal Luiz Anselmo ela por vezes é motivo de preocupação. Segundo a diretora da escola, Tânia Santana, é comum que os pais deem razão aos maus comportamentos das crianças ou mesmo rejeitem o contato com a equipe pedagógica.

“Nós precisamos muito do apoio dos pais. Fazer a família compreender o problema e ajudar a resolvê-lo por vezes é uma luta”, afirmou.

Segundo ela, o maior motivo de conflitos costuma ser as brigas e desentendimentos entre os alunos. “É comum ouvir dos pais que se o menino foi agredido por um colega, tem que revidar. Desconstruir a cultura de violência é muito difícil”, disse.

Papéis

De acordo com a professora do 2º ano, Rosângela Montenegro, os problemas na escola têm origem em casa. “As crianças não estão aprendendo em casa a respeitar os mais velhos, a não bater, não xingar. A escola tem, sim, o papel de educar, mas ela está tendo que assumir uma função



**“Gastava
metade do meu
tempo em sala
separando
brigas”**

ROSÂNGELA, professora

ção que sempre foi da família”, afirmou.

Ela conta que no ano passado, quando lecionava no 5º ano, tinha que apartar brigas em sala de aula todos os dias. “Foi um período muito desgastante e atrapalhava todo o aprendizado da turma. Gastava metade do meu tempo em sala separando brigas”,

disse Rosângela.

A professora teve diversos problemas de saúde, causados por estresse. Apenas em 2012, mais de 1.100 professores pediram afastamento por motivos de saúde.

Hoje, com os menores, a situação é melhor. “Logo no início do ano, fazemos as regras da sala juntos”, afirmou.

ENTREVISTA Alessandro Marimpietri, psicólogo especialista em educação

**“AS SANÇÕES
DEVEM TER
RELAÇÃO COM
OS FATOS”**

FLÁVIA FARIA

Alessandro Marimpietri é psicólogo e doutorando em ciências da educação pela Universidad Nacional de Cuyo, na Argentina. Na entrevista, ele esclarece os principais pontos a respeito de regras, autoridade e família.

É preciso compreender a regra para segui-la?

Os alunos precisam aprender a conviver com o arbitrário, mas não sempre. Nem tudo tem que ser explicado, mas na maioria das vezes é preciso, para desenvolver autonomia, que eles compreendam o sentido das regras e das suas sanções, sob pena de virarem letra morta.

Como funciona a relação de autoridade entre professor e aluno?

É uma espécie de pacto simbólico de convivência. É

preciso que o adulto seja diferente dos pequenos para, nessa diferença, fundar um pacto mais orientado por essa autoridade adulta. Se nossa cultura tenta dissolver as diferenças e faz com que os mundos se misturem, isso se complica.

As sanções têm resultado?

As sanções devem ter relação com os fatos. Se um filho não está fazendo suas atividades de casa e gosta de bolo de chocolate, será pouco útil retirar seu direito de comer bolo. Agora, se ele gasta tempo demais com diversão e não consegue conciliar com a obrigação, seria útil dizer: “Se você ainda não consegue administrar seu tempo, eu vou te ajudar. A partir de hoje você deve primeiro cumprir sua obrigação”.

Como a família deve atuar?

Seria útil sustentar a diferença essencial entre pais e filhos, encontrando uma boa medida entre estar presente o suficiente para marcá-los e estar distante o suficiente para deixá-los ser algo diferente das nossas expectativas. Não podemos continuar terceirizando o nosso ofício da parentalidade.